

Sem título, 1989
Plástico, ferro
2.10m X 2,10 X 0.36

SCHWANKE
ESCULTURAS
Museu de Arte de Joinville

SCHWANKE

Currículo

- 1985 Prêmio Exposição Individual Museu de Arte Contemporânea do Paraná no 42º Salão Paranaense. Prêmio Aquisição no XXXVIII Salão de Artes Plásticas de Pernambuco. Prêmio Nominal D. J. Oliveira no II Salão de Artes Plásticas de Goiânia. Grande Prêmio Cidade de Belo Horizonte no 17º Salão Nacional de Artes Plásticas de Belo Horizonte. Destaque anual Revista Veja.
- 1986 Grande Prêmio Cidade de Americana no 2º Salão de Artes Plásticas de Americana, SP. Prêmio Construtora Norberto Odebrecht no XXXIX Salão Nacional de Artes Plásticas de Pernambuco. Prêmio Aquisição e Exposição Individual Galeria BEMGE no IV Salão Paulista de Arte Contemporânea. Bienal Latino Americana de Arte Sobre Papel, Buenos Aires. Caminhos do Desenho Brasileiro, Museu de Arte do Rio Grande do Sul. Prêmio Aquisição 9º Salão Nacional de Artes Plásticas.
- 1987 Individual Galeria Arco Arte Contemporânea.
- 1988 Prêmio 10º Salão Nacional de Artes Plásticas. Menção Especial do Juri Bienal do Rio. Prêmio Aquisição 45º Salão Paranaense. Cada Cabeça uma Sentença, itinerante da Universidade de Juiz de Fora, Minal Gerais.

Biografia

Luiz Henrique Schwanke. Joinville SC. 1951. Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal do Paraná. Vem participando de certames nacionais desde 1977, tendo realizado individual na Galeria Sérgio Milliet em 1980, no Museu de Arte Contemporânea, Sala Bakun em Curitiba, Paraná e Galeria Arco Arte Contemporânea de São Paulo. Fez parte da representação brasileira na Bienal Latino Americana de Arte Sobre Papel. De 1977 a 1985 oito vezes premiado nos salões do Paraná.



O VÔO MAIOR DE SCHWANKE

Entre 10 e 31 de julho, Joinville vai conviver com a obra nada convencional de Luiz Henrique Schwanke, artista joinvilense que, de surpresa em surpresa, vai construindo uma carreira baseada em profundas pesquisas, atestado da seriedade de suas propostas. Para esta exposição, contando com o apoio decidido da Cia. Industrial de Plásticos CIPLA, ele realizou oito trabalhos tendo por suporte a apropriação, acumulação e a seriação de objetos prosaicos em material plástico, moldados em escala industrial, tirando deles efeitos visuais jamais imaginados por quem só encontra nestes objetos uma função unicamente utilitária. São baldes, bacias, galões, maletas para ferramentas, suportes para mangueiras e as próprias mangueiras que, pela repetição seriada e organização espacial, realçam a beleza oculta no design manuseado diariamente sem a menor preocupação estética. Além dessa descoberta, Schwanke vale-se do elemento cor, existente no próprio material, para dar mais ênfase à visibilidade, sem qualquer alteração cromática dos protótipos, mas, simplesmente pela justaposição equilibrada da variação tonal apresentada pelos modelos selecionados.

Em linhas gerais, a exposição apresenta dois tipos de seriação: a vertical, sob a forma de majestosas colunas, e a parietal, compondo relevos de parede que denunciam a descoberta de uma nova geometria, aquela que, embora subordinada às formas originais, ele recria pela repetição, chegando a formulações geométricas inexistentes nos objetos tomados um a um que, dessa maneira, têm o volume enriquecido pela incidência variável da luz sobre as superfícies visíveis. Da seriação vertical o artista apresenta quatro exemplos, três deles colocados em praças ou vias públicas, e uma formando instalação numa das salas do Museu de Arte de Joinville; da seriação parietal, executou outros quatro propostos geométricos que se encontram nas paredes do museu. Além da apropriação e acumulação dos objetos em conjuntos de formação perfeitamente lógica, perfeitamente organizada, segundo a concepção corriqueira de coluna e relevo de parede, mais a cor como um dos elementos definidores da criação visual, Schwanke acrescenta dois atributos de alta significância em sua nova proposta: a dimensão e a simulação. A primeira é a essência da escultura, o que lhe dá imponência e possibilita seu confronto com a arquitetura e sua contraposição com a natureza onde fica instalada. O impacto da grande di-

menção define a força do escultor, sua audácia, sua crença no valor daquilo que cria com intrepidez e segurança. A monumentalidade das esculturas e relevos de Schwanke não deixa ninguém indiferente porque a obra impõe-se pela própria presença. E essa instigação do público, seja o descuidado passante da rua ou o interessado visitante do museu, é o começo da aceitação e respeito pela criação artística. Quanto à simulação, Schwanke subordina o material à idéia de obra de arte. O que primeiro se impõe é a obra de arte – coluna ou relevo – para depois cogitar-se de que material foi composta. E isto é conseqüido pela composição rígida, as proporções exatas e a disciplina estética do artista.

Apenas para uma questão de registro, vale à pena citar alguns dados numéricos. A seriação vertical das 9 colunas, por sua vez seriadas por bacias brancas, colocadas nos jardins do Terminal Rodoviário, é formada por nada menos de 180 elementos, resultando um conjunto de 21 metros de comprimento, variando de um a cinco metros de altura. Na confluência da Av. Beira Rio com a Rua Nove de Março, são 231 baldes brancos e vermelhos distribuídos igualmente por 7 colunas de quatro metros de altura. Na Praça da Bandeira, a composição escultórica exigiu 297 bacias vermelhas, divididas por 9 colunas, atingindo 21 metros de comprimento por quatro de altura. Para a seriação parietal foram usados 40 galões azuis com tampa branca; 40 maletas de ferramentas negro e cinza; 160 suportes para mangueira verde-azeitona e 13 mangueiras azuis com um total de 260 metros de comprimento para a composição circular. Isto tudo perfaz 961 elementos cedidos pelo patrocinador, o que dá uma medida bastante significativa da compreensão dessa empresa no apoio a manifestações culturais, por mais insólitas que pareçam.

No contexto da carreira artística de Luiz Henrique Schwanke, esta exposição é perfeitamente coerente com a obra já realizada. As pesquisas a que nos referimos no início desta apresentação revelam duas preocupações básicas: a forma da coluna e a seriação dos elementos. Em 1976, o projeto para um monumento formado por 110 colunas em aço inoxidável, foi premiado em concurso realizado por uma empresa de Joinville. Entre 1978/82, a seriação apareceu em colagens de pequenas decalcomanias a cores com flores, insetos, crustáceos, peixes, etc; o seccionamento de S. Sebastião, num conjunto de desenhos meticulosos que também incluem o dedo como prenúncio

das colunas, executados entre 1980/82, são outra manifestação das mesmas preocupações; a seriação obsessiva dos perfis lineares de 1985/87 é mais um atestado dessa coerência, depois voltando-se para a escultura em colunas com a apropriação seriada de frutos e verduras de plástico, sem esquecer as recentes seriações com grampos de prender roupa. Relewa salientar que todas estas propostas, a nosso ver, cram a preparação de um vó mais amplo que agora se configura nas seriações verticais e parietais, em caráter monumental, lentamente descobertas por experimentações pertinentes à eclosão da obra maior, sem ter faltado o estudo feito pelo artista da coluna como sustentação e elemento de plasticidade, desde a Antiguidade até nossos dias.

Pode-se tentar caracterizar a obra de Luiz Henrique Schwanke em relação a manifestações artísticas da atualidade, incluindo-o numa das tendências em voga. Uma delas seria a assemblage (reunião ou acumulação) praticada por artistas franceses, alemães e americanos. Mas os materiais empregados por eles, como peças de automóveis, instrumentos musicais, etc., e o efeito visual são totalmente diversos. Outra ligação poderia ser com a pop-art, mas esta apropria-se dos objetos (latas de sopa,

garrafas de coca-cola, etc.) pelos objetos em si, sem simular nada fora deles, como faz Schwanke recriando a coluna e o relevo. Também com a op-art, a neo-geo ou new-geo podem ser encontradas aproximações pelas novas implicações da luz e da geometria, principalmente nas seriações parietais. E nas seriações verticais pode-se pensar na minimal-art, tanto pela simplificação dos recursos como pelo gigantismo das obras. Mas tudo isto não passa de uma tola procura de rótulos desnecessários. Estas ilações, por muito cabíveis que sejam, aproximam-se e distanciam-se de nosso julgamento à medida em que nos acercamos de uma obra ou de outra. O que se pode afirmar é que, no trabalho presente de Luiz Henrique Schwanke, existe a confluência de diversas correntes atuais, o que confere consistência contemporânea. E o que lhe acrescenta maior grandeza é a centelha de invenção e criatividade que repele classificações inúteis por não precisar delas para impor-se.

Harry Laus



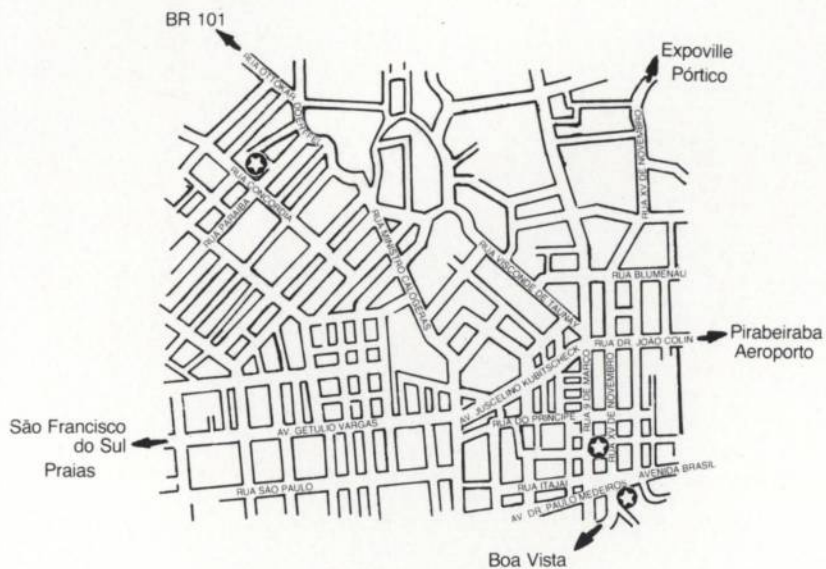
Sem título, 1989
Plástico, ferro
1.11m X 1.70 X 0.40



Sem título, 1989
Plástico, ferro, concreto, madeira
21m X 4 X 0,56



Sem título, 1989
Plástico, ferro, concreto, madeira
17m X 4 X 0,36



1989 SCHWANKE

Catálogo da exposição realizada no Museu de Arte de Joinville. Patrocínio da Cipla e Grupo HB. Promoção do Governo do Município de Joinville, Prefeito Luiz Gomes; Fundação Cultural de Joinville, Presidente Moacir G. Thomazi e Museu de Arte de Joinville, Diretora Marina Heloisa Medeiros Mosimann.

Colaboração: SENAI Serviço Nacional da Indústria, Diretor Pedro Miguel de Andrade. Prefeitura Municipal de Joinville, Secretaria de Serviços Públicos. Joinville Tourist Hotel, AAPLAJ Associação dos Artistas Plásticos de Joinville.

Curadoria Harry Laus, Diretor do Museu de Arte de Santa Catarina, Membro da Associação Internacional de Críticos de Arte, Redator de Artes Plásticas do Diário Catarinense.

*Encontros
Culturais* **HB**

CORPORAÇÃO HB

Patrocínio

